

A intolerância *on line*: aspectos da propaganda da extrema-direita brasileira na Internet

Dilton Maynard¹ - PPG-UFPE/FUNESA

“Podem tentar nos parar, mas isso nunca acontecerá, ao menos enquanto vivermos. Somos Soldados Nacional-Socialistas eternamente leais ao nosso Führer Adolf Hitler. Temos uma missão, faremos de tudo para concretizá-la ou morreremos tentando”. Esta frase não deve ser atribuída a um oficial SS (Schutzstaffel) para animar seus subordinados nos últimos dias da II Guerra, quando os Aliados batiam às portas de Berlim. A tal promessa foi feita na Internet, por um brasileiro, em pleno século 21. Uma profissão de fé que nos empurra para analisar os impactos do “neotribalismo” em tempos de globalização². Este trabalho investiga tal fenômeno.

Aqui, a principal atenção está nos usos feitos da Web por grupos da extrema-direita brasileira³. O que se apresenta são informações iniciais sobre um campo que tem merecido pouca atenção dos historiadores: as relações entre a Internet e a história. Para isto, foram visitados web sites de grupos brasileiros identificados com propostas racistas, xenófobas, separatistas e anti-semitas, além de páginas “estrangeiras” (Argentina, Chile, Venezuela, Espanha, EUA, Inglaterra e Portugal) que mantêm contatos com as facções nacionais. O problema se justifica devido ao rápido crescimento da propaganda da extrema-direita no mundo. Isto passa pela construção de uma ampla rede de contatos entre grupos de diversas partes do globo – meio pelo qual se obtém farto material que varia de bandeiras, fotografias, jogos, músicas em formatos mp3, até maneiras práticas de realizar atentados a bomba– e pela necessidade constante de “reinventar” a história, encarada como a narrativa de eventos naturais, através das ferramentas fornecidas pela Web.

Temos aqui, portanto, dois fenômenos intrinsecamente ligados ao pós-II Guerra: a emergência de movimentos com inspiração fascista e a criação da Internet. Um aporte metodológico interdisciplinar é um dos requisitos para evitar leituras mecânicas do problema. A primeira constatação é que a persistência de práticas fascistas desloca a

questão do lugar-comum no qual ele tem sido trabalhado –como restrito à Alemanha hitlerista, o chamado “fascismo histórico” – e exige uma ampliação no arco da análise. É possível e deve-se ler o fascismo com parte integrante do processo civilizatório⁴ da humanidade, não somente de um determinado país. Por outro lado, é necessário pensar as especificidades da Internet como meio de comunicação e suas ressonâncias na operação historiográfica.

A Internet surgiu há aproximadamente 40 anos. A sua criação deve ser entendida nas relações entre diferentes instituições (acadêmicas, governamentais, militares e empresariais) envoltas em um mundo ao mesmo tempo descentralizado (se levarmos em conta o contexto da contracultura) e bipolarizado (graças à Guerra Fria). Embora tenha sido viabilizada para uso comercial apenas em meados dos anos 90, as diferenças entre a Internet e os demais meios de Comunicação, bem como as suas inovações rapidamente seduziram os seus usuários. Em 1995, na chegada da Internet comercial ao Brasil e a outros países Bill Gates, proprietário da Microsoft, lançou um livro que misturava sua biografia à história das revoluções tecnológicas a partir do sistema operacional Windows. Na última parte da obra, sugestivamente intitulada *A estrada para o futuro*, o autor se ocupa de previsões sobre as redes virtuais: “Pessoas com interesses parecidos poderão encontrar-se eletronicamente e organizar-se sem esforço físico algum. Vai ser tão fácil organizar um movimento político que nenhuma causa será pequena e dispersa demais”⁵. Gates acertou. Ficou muito prático circular pelos trilhos eletrônicos. Tão simples que a Internet tornou-se um território de combates políticos.

Movimentos sociais, sindicatos, partidos políticos e organizações não-governamentais passaram a se valer da rede para divulgarem suas idéias, captar recursos e atrair novos adeptos. No Brasil, organizações como o *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra* (MST, <http://www.mst.org.br>) e a *Central Única dos Trabalhadores* (CUT-<http://www.cut.org.br>) possuem *web sites* bem-cuidados. Contudo, nesta concepção da rede como um lugar privilegiado às manifestações políticas, grupos de extrema-direita identificaram as brechas para se fortalecerem e encontraram um meio de comunicação

seguro, atrativo e econômico. No Brasil, que em 2003 contabilizava 13.980 milhões de usuários da Web, diversos sites reforçaram a propaganda da extrema-direita. Este crescimento chamou a atenção de parte da imprensa nacional e de alguns políticos. Contudo, a falta de uma legislação específica e a própria característica supraterritorial da rede dificulta a ação das autoridades. Ao contrário de outros tempos, não são mais panfletos fotocopiados. Agora, são *home pages* sofisticadas e com forte apelo visual. Em lugar das marchas militares, o “nazi-techno” de canções como *Adolf Hitler Party (Swastika Mix)* e o som pesado de bandas de rock como *Grupo Separatista Branco* e *Brigada NS*⁶.

Ao ser questionado sobre o perfil dos construtores de sites neofascistas, Paulo Simões, deputado estadual (São Paulo/PT) afirmou: “geralmente são jovens de classe média baixa, trabalham como office-boy, segurança e auxiliar de escritório”⁷. Infelizmente, a arquitetura destes grupos é mais complexa e este diagnóstico, situando o problema como algo quase pueril, capricho dos “jovens de classe média baixa”, distorce a questão. O problema vai além disto. Ao descobrirem na Internet uma arma poderosa, os diferentes grupos de extrema-direita encontraram um meio de expor não apenas palavras de ordem, mas também suas versões da historiografia contemporânea. Muitas vezes, apropriações perigosas são realizadas.

“Como devo agir quando minha professora de história começa a falar mal de Hitler e contando os ‘horrores’ do ‘holoconto’ ?”, pergunta um adolescente de 14 anos que, aos 13, leu o *Mein Kampf* após descarregá-lo na Web. O garoto, que afirma andar pela floresta armado com uma espingarda calibre 36 mm e uma faca de combate, fez a pergunta por e-mail, através da “Voz de Odin”, espaço de um *site* dedicado a “esclarecer” aos navegantes sobre o nacional-socialismo. Eis a resposta: “faça alguns questionamentos e levante questões como a impossibilidade comprovada do gaseamento de judeus nas supostas câmaras de Auschwitz, etc.”⁸. Para responder perguntas como esta, diferentes apropriações foram executadas pelos sites investigados. Textos de curiosos sobre o assunto, artigos de jornalistas e mesmo a produção acadêmica são pinçados para justificar o ódio *on line*⁹.

Assim, os navegantes podem encontrar até excertos de autores como J.K. Galbraith e Boris Fausto. O material escolhido é “retorcido” e, deste modo, a crítica se torna apologia.

É o caso, por exemplo, das palavras do economista Galbraith reproduzidas no site [revision5](#): “A Alemanha, em fins da década de 30, tinha EMPREGO PARA TODOS e preços PERFEITAMENTE ESTABILIZADOS. Isso constituía, no mundo industrializado, UM FEITO INTEIRAMENTE INÉDITO”. Uma reflexão sobre a economia de um país em crise é pescada para justificar condutas preconceituosas e a eliminação do outro. Outro site a fazer este tipo de trabalho é o *Valhalla*, que já esteve instalado no provedor argentino *Ciudad Libertad de Opinión* (www.libreopinion.com) - possivelmente o maior hospedeiro sul americano de páginas da extrema-direita. Nele é possível encontrar, trabalhos como o artigo “Revisionismo do Holocausto em poucas palavras”, assinado por Bruce Hagen, que critica a posição central ocupada pelo extermínio judeu na II Guerra. Afirma que existiram outros holocaustos no século 20. “O Holocausto Judeu é apenas um deles”¹⁰. Hagen naturaliza o anti-semitismo: “historicamente parece ter algo sobre os judeus que traz à tona uma plenitude de animosidade da parte do povo dentre o qual eles vivem”.

Em lugar de admitir o Holocausto como um problema não apenas judeu, mas da humanidade, Hagen prefere esquecer um aspecto fundamental. O caráter doentio da intolerância e da violência contra o outro não deve ser rastreado nas vítimas, mas nos seus carrascos. A “maquinaria judia” tão requisitada pelos revisionistas não dá conta de crimes brutais como o assassinato de Edson Neris da Silva, morto por skinheads paulistas em 2000. Como nos lembra Francisco Carlos Teixeira da Silva: “Ser judeu, cigano ou gay não encerra em si um mal atávico ou histórico; tampouco uma condição, ou especificidade histórica, a ser superada; a inconformidade homicida com a condição do outro é, isto sim, um mal a ser superado”¹¹.

Ainda no site *Valhalla* é possível ler “Quantos morreram em Auschwitz?”, de V. Robert Faurisson. Neste texto, escrito por um dos mais famosos revisionistas, afirma-se que o famoso campo de concentração era apenas “um enorme complexo industrial, destinado a abastecer uma parte das necessidades do exército alemão”. Faurisson defende não

somente a inexistência das câmaras de gás, mas também a impossibilidade técnica destes dispositivos existirem. Não houve 6 milhões de mortos, nem mesmo um milhão, explica Faurisson. Definitivamente, o *Valhalla* não parece ser feito por jovens de classe média baixa, office-boys e auxiliares de escritório. Impressão semelhante se tem ao, navegando pelo mesmo site, se conectar à página conhecida como a “grande mãe” do anti-semitismo na Internet: www.radioislam.org.

Batizado com o nome de uma rádio localizada em Estocolmo, Suécia, criado em 1999 pelo marroquino Ahmed Rami, o sítio Radio Islam oferece não só hospedagem, bem como artigos, noticiários e fóruns em mais de uma dezena de idiomas. Entre as suas ofertas, está a “Pequena introdução ao estudo do Holocausto”, de Arthur R. Butz, professor de engenharia eletrotécnica e conhecido revisionista norte-americano. Para Butz, o que ocorreu foi “despiohização”. Não ocorreu extermínio algum, mas uma tentativa de “tratar”, de bem-cuidar dos prisioneiros: “quando a Alemanha se desmoronou num caos (...) o tifo e outras doenças se tornaram rampantes nos campos”. Conforme o professor Butz, a “solução final” era apenas a expulsão, não o genocídio judeu. O uso de Zyklon B é rechaçado também por outros revisionistas. É o caso de Ernst Zündel que, em “Introdução ao pensamento revisionista”, afirma: “o Zyklon B era um fumigante. Não era um agente prático para assassínio em massa”.

Uma marca aparece como básica nos trabalhos revisionistas. Ao discutir o assassinato em escala industrial, ou como preferem a morte de “objectores da consciência”, judeus, homossexuais, comunistas e inimigos de guerra, investigadores como Hagen, Faurisson, Zündel, Butz entre outros amarram suas argumentações num anti-semitismo indisfarçável. Em seus escritos, o “ser judeu” é essencial para discutir a existência do Holocausto. As “especificidades judaicas” dariam conta da agressão por eles sofridas. Frequentemente os trabalhos revisionistas desembocam na conspiração Z.O.G (Zionist Occupation Government), um governo sionista de ocupação. Trata-se de uma argumentação na qual, desde o início, se conhece o ponto de chegada.

Além destes sites neofascistas, no caso brasileiro, a Internet passou a ser utilizada para divulgar também as diferentes idéias de grupos separatistas. Entre estes foram observados “Movimento o Sul é o meu país” e a “Nação Sul Sudeste”. Ambos se dedicam a defender a separação do Sul e/ou Sudeste do resto Brasil. O site da “Nação Sul Sudeste” procura, inclusive, desfazer a idéia de movimento preconceituoso. Assim, após falar no “forte no valoroso povo do Nordeste” o manifesto do grupo esclarece: “o Nordeste tem história. Tem passado. Praticou secessão bem antes da própria Revolução Farroupilha (de 1835). A República de Pernambuco (Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte), de 1817, é prova”. Desta maneira, o NSS procura se afastar do estereótipo de organização fascista. Porém, é difícil não conceber o movimento como tal, após ler em seu manifesto trechos como: “o sangue que corre nas veias da federação está irreversivelmente contaminado. Só há um remédio: o desmanche da federação mediante a autodeterminação dos seus povos”. Aqui, o sangue e a raça são invocados como elementos agregadores dos separatistas na busca pela construção de uma identidade. Além disto, uma observação mais cuidadosa nos ícones do site identificará uma caveira negra, a *totenkopf*, “caveira da morte”, semelhante àquelas utilizadas nos uniformes militares da SS e por grupos neonazistas como, por exemplo, o *Combat18*, segmento inglês que, em seu web site, faz questão de manter um registro atualizado de seus ataques. O próprio expediente inicial do texto - “Após dez anos do seu renascimento” -, lembra a introdução do filme *O Triunfo da Vontade* (1934)¹².

Outro sítio bastante organizado pertence ao movimento “O Sul é o meu país”. O site disponibiliza o manifesto da organização. Conforme o documento, o MOSMP propõe a emancipação política do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul do resto do Brasil. Com sede física e registrado em cartório, o MOSMP também se diz não-preconceituoso. Através de uma leitura cíclica da história, o texto apela ao passado “seccionista”. Assim, a República Juliana, a Revolução Farroupilha e a Revolução de 1930 são exemplos de que “a falta de autonomia, sempre foi objeto de insatisfação sulista, seja plena ou parcial”. A conclusão não poderia ser outra: “somos a continuação de história inacabada”. O MOSMP

requisita o direito de regulamentar suas atividades “econômicas, sociais, tributárias, sanitárias e culturais”. Conforme seu manifesto, a falta da autonomia prejudica o Sul, região de tradição democrática, combativa, em detrimento das oligarquias nordestinas. O Sul é vítima. Vítima de uma “abominável sangria tributária” promovida para facilitar a vida das “oligarquias políticas e monopólios econômicos do Norte e Nordeste”. Aqui, a crença num passado heróico e glorioso, aliada à frustração com o presente é instrumentalizada por determinadas frações de classe e oferece ao leitor uma sensação de identidade¹³.

As idéias destes grupos são veiculadas com estratégias de simplificação (através de slogans, por exemplo), da construção de um inimigo único (variante que pode ser o negro, o nordestino, o homossexual e freqüentemente o judeu) e repetição, até a constituição destes princípios como um lugar comum. Em meio aos diversos expedientes de propaganda neofascista na Internet, Impressiona a articulação entre estes grupos. Embora apresentem tendências e estratégias diferenciadas, a maioria destes web sites mantém algum tipo de contato entre si. Espaços privilegiados para a troca de materiais são os fóruns virtuais.

É o que se constata ao analisar “livros de visitas” como o do site *Orgulho Branco Paulista*. Ali, em 11 de setembro de 2001, o alvo dos ataques foi Gilberto Freyre (1900-1987). O pernambucano teve um artigo reproduzido: “inimigo da raça branca. Infelizmente o texto está apenas em português e nem todos poderão ler a seqüência de absurdos descrita aqui”. Ainda em 2001, alguém expressa desapontamento com mudanças no currículo escolar: “parece que os brancos se tornarão pretos antes do que imaginávamos: as escolas brasileiras terão como matéria obrigatória a *história afro-brasileira* (fábricas de zumbis)”. Por sua vez, um White Power curitibano, 29 anos, professor de informática não escondeu seu descontentamento com o teste de QI aplicado entre seus alunos de terceira e quarta série: “o primeiro lugar foi de um negrinho de cabelos crespos (não pixaco total, deve ter genes brancos) e o segundo de uma japonesinha!”. A resposta para tamanha inquietação é contraditória: “Testes de QI não apresentam resultados conclusivos por si só”. Complementação: “ainda assim a situação descrita representa uma curiosa anomalia, é fato que em quase todas as aplicações deste tipo de teste os brancos sempre se sobressaem”.

O professor White Power nos faz voltar a Freud, que escreveu: “os juízos de valor do homem acompanham diretamente os seus desejos de felicidade, e que, por conseguinte, constituem uma tentativa de apoiar com argumentos as suas ilusões”¹⁴.

Como se percebe, a rede da extrema-direita é ampla, desconhece as fronteiras nacionais e põe em rotação um movimento perigoso que interliga as regiões mais distantes do globo. Assim, os grupos brasileiros trocam experiências com facções européias e, nas Américas, além dos EUA, Chile, Venezuela e Argentina (graças ao *Libre Opinión*) realizam constantes trocas de material com os brasileiros e alimentam uma historiografia “naturalizada”. Contudo, é preciso insistir, os grupos aqui mencionados não formam um bloco homogêneo. Ainda assim, pode-se dizer que os tempos são de chips e megabytes, mas o ódio ao outro permanece como característica básica do fascismo.

¹ Licenciado em História e Mestre em Sociologia (UFS). Doutorando em História (UFPE). Professor da FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS/FUNESA. dcmaynard@infonet.com.br

² COMUNICADO: DE VOLTA COM FORÇA TOTAL! Disponível em: <http://www.valhalla88.com/valhalla.html> acesso em 29/05/2005 ; Cf. SILVA, Francisco Carlos T. da. Revoluções Conservadoras, Terror e Fundamentalismo: regressões do indivíduo na Modernidade. **O Século Sombrio: uma história geral do século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.p. 123-190.

³ Por Extrema Direita entenderemos aqui o tipo de “extremismo convencionalmente considerado como de direita, emanção direta de classes e categorias sujeitas a uma repentina perda de status e condição e uma drástica redução da sua influência política”.Cf. BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Trad. João Ferreira, Carmem varriale et alli. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986. p.457-459. Extremismo.

⁴ O termo Internet significa **INTER**action or **INTER**connection between computer **NET**works. Em poucas palavras, “é a rede das redes, o conjunto das centenas de redes de computadores conectados em diversos países dos seis continentes”. Fisicamente, a Internet equivale a uma estrada da informação – mais propriamente a uma *superestrada da informação*, termo cunhado pelo então senador Al Gore, em 1978, numa referência às auto-estradas abertas pelos EUA na gestão Dwight D. Eisenhower (1953-1961). GATES, Bill. **A estrada para o futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 19 , 22 e 16. Sobre a Internet consultar também: CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.; SILVA, Francisco Carlos T. da. **O Século Sombrio: uma história geral do século XX**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 15-16,124

⁵ Cf. HOBBSBAWM, ERIC J. **Nações e Nacionalismo desde 1870: programa, mito e realidade**. Trad. Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.GATES, Bill. **A Op.Cit.** p.334

⁶ O Brasil já apresenta um número considerável de bandas *white power*. Segundo o site da *Anti-Defamation League* há pelo menos 10 bandas deste gênero no país: Brigada NS; Command; Corrosão; Defesa Armada; Evil; Goat Pênis; Grupo Separatista Branco; Locomotiva 88; Resistência 88 e Thaliun. Cf. *White Power Music Groups. Bands by country*. Disponível em: http://www.adl.org/learn/Ext_US/music_country.asp acesso em 29/04/2005. Sobre o número de usuários do Brasil e demais nações da América do Sul Consultar: CIA’S World Factbook. http://www.clickz.com/stats/sectors/geographics/article.php/5911_2205881 acesso em 29/04/2005.

⁷ PIRES, Ana Lucia. Nazismo e “democracia” na rede.<http://www.fonzero.hpg.ig.com.br/neonazistaana.htm> acesso em 20/04/2005.

⁸ Voz de Odin. *Mensagem 247* Disponível em: <http://www.valhalla88.com/valhalla.html> acesso em 20/05/2005.

⁹ Os jornalistas George Bourdoukan e José Arbex Jr tiveram artigos incorporados a páginas neonazistas. Ver sobre isto: BALAROTTI, Luciano Burger, POLZONOFF JR, Paulo. Site usa textos de jornalistas como propaganda nazista .<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/pb200599.htm>. Acesso em 30/04/2004.

¹⁰ J. K. Galbraith sobre a economia do nacional-socialismo. <http://revision5.b3.nu/> acesso em 23/04/2004; HAGEN, Bruce. Revisionismo do Holocausto em poucas palavras. http://www.valhalla88.com/artigos/Revisionismo_do_holocausto_em_poucas_palavras.html

¹¹ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Op. Cit. p.137

¹² Eis o significado do 18 posto aqui: 1, equivale à primeira letra do alfabeto - A; 8, conseqüentemente, representa o H. "AH" Adolf Hitler. Por isto, muitos grupos utilizam o número 88 em suas designações: "HH", isto é, "Heil Hitler!"; *Triumph des Willens*, Alemanha, 1934. Direção Leni Riefensthal.

¹³ SILVA, Op. Cit. p.129

¹⁴ Voz de Odin. *Mensagem 217*. Disponível em: <http://www.valhalla88.com/valhalla.html> acesso em 15/05/2005; Cf. FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira. 2ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. p.73-148.